

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA CONTEMPORANEIDADE

Michele Poletto¹

A comemoração dos 10 anos do Curso de Psicologia, da Faculdade IBGEN, foi marcada pela realização da Jornada Acadêmica, que tinha como proposta refletir sobre os caminhos da formação do profissional da psicologia na contemporaneidade. Essa iniciativa vai ao encontro do convite do Conselho Federal de Psicologia (CFP), da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (Abep) e da Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi), que propuseram ações nacionais para discutir as diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Psicologia ao longo de 2018. As entidades referidas têm como finalidade mobilizar docentes, estudantes e profissionais para construir propostas para as novas diretrizes (CFP, 2018). Além disso, a iniciativa permite revisão, estudo e debate sobre a formação dos futuros psicólogos e sobre o que é necessário para atender às novas demandas solicitadas ao profissional, independente do campo de atuação.

O cenário do mundo do trabalho passa por inúmeras transformações e é um desafio formar profissionais, pois algumas perspectivas e paradigmas precisam ser revisados e alterados em certos momentos. No entanto, é necessária uma base sólida pautada no saber fazer com qualidade e ética e no respeito ao ritmo e tempo do outro (indivíduo, grupos e instituições). Ao mesmo tempo, é atemporal a presença de características como o olhar observador e questionador do psicólogo sobre o contexto, instituições e situações. Outros componentes que influenciam a formação do profissional são os modelos identificatórios de professores, de profissionais, e de modelos teóricos ao longo da formação e da atuação com os quais tiver contato.

Deste lugar, o psicólogo precisa estar atento ao cenário atual brasileiro e também mundial, especialmente pela velocidade das alterações que o mundo do trabalho vem sofrendo, uma vez que se vive a quarta revolução industrial. Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial, em uma entrevista concedida ao jornalista Marcelo Lins, no programa Milênio (2017), apresentou algumas reflexões sobre esta revolução. Entre os aspectos abordados, Schwab lembrou que toda revolução envolve transformações profundas

¹ Doutora em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; possui pós-doutorado em Psicologia, pela mesma instituição de ensino; e é professora no Curso de Psicologia da Faculdade IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. Atua principalmente nos seguintes temas: Resiliência, Psicologia Positiva, Psicologia Escolar, Populações em situação de vulnerabilidade social, Capacitação com profissionais da área da saúde e educação, dentre outros. E-mail: michelepolettopsi@gmail.com

no mundo do trabalho e nas vidas das pessoas. Alertou ainda sobre a velocidade e as inevitáveis mudanças que este cenário sofre. Ele lembrou também das marcas desta revolução representadas, por exemplo, pela robótica, pela inteligência artificial e pela impressão multidimensional. No entanto, ressaltou que, apesar das contribuições ofertadas por este momento, é importante ficar atento às novas demandas e às consequências negativas desse processo. Nessa direção, o entrevistado alertou que o profissional precisa reinventar-se para o trabalho, cuidar do potencial humano e ampliar suas habilidades, especialmente as sociais e as que se referem à promoção de atividades que desenvolvam o ser humano (2017).

Com esse pano de fundo, duas histórias contadas no cinema podem servir de inspiração e promover algumas reflexões. A primeira delas é o filme *Click*, lançado em 2006, com o ator Adam Sandler, que conta o dilema de seu personagem, o qual, para obter sucesso profissional e proporcionar melhores condições materiais de vida à sua esposa e a seus dois filhos, é desafiado a administrar seu tempo para este propósito. Mas as exigências da família e do trabalho o fazem ter um ritmo de vida exaustivo. O desejo imperioso de conseguir dar conta de tudo, de realizar suas obrigações para com sua família e de ter sucesso a qualquer preço, em seu projeto de trabalho, vislumbra uma possibilidade de controlar todas essas “operações” por um controle remoto. Este controle remoto seria a solução necessária e mágica para alavancar a vida profissional do personagem e também para controlar sua vida pessoal. Bastava acelerar alguns momentos para poder dedicar-se mais ao trabalho utilizando as funções do controle. Nada mais poderia impedir seu êxito profissional, já que esta solução resolveria “todos” os seus problemas.

Em diversos momentos identificados pelo personagem como chatos e sem importância, ou até mesmo como perda de tempo, utilizava o controle para “passar” rápido essa cena. Assim, poderia narcisicamente controlar e aproveitar os recursos do controle para aumentar o volume de uma conversa que lhe conviesse, seja pulando uma cena, seja distorcendo a fala de um colega de trabalho que lhe provocaria risos. No entanto, ele não contava com o fato de que o controle gradualmente tomaria conta da sua vida e que, aos poucos, entenderia suas ações como programações. Isso fez com que o personagem perdesse o contato com sua família e vivesse apenas para o trabalho, eliminando totalmente os momentos que ele havia “pulado”, sem que pudesse tê-los vivido de fato, não sendo permitido ou previsto desprogramá-los.

Este recorte permite um alerta ao ritmo frenético que o sujeito contemporâneo ofertou a si e à sua vida, atribuindo-lhe o fazer automático, sem sentido e reflexão. Por quem o ser humano deixou-se controlar para “ganhar tempo” ou “aproveitar mais”? Parece que este está

literalmente correndo atrás de algo que perdeu. “Ganhar” tempo e “não perdê-lo” tornou-se uma busca incessante que, em muitos casos, nem os próprios sujeitos sabem ao certo à procura de que exatamente estão. É este cenário que o profissional psi vê em seu consultório, na escola, na empresa ou nos grupos com os quais trabalha.

O panorama percebido é o de que existem sujeitos muito apressados, com inúmeras tarefas, esmagados por ritmos e programas que se lhes impõem, tanto no trabalho, quanto fora dele, estando sempre atrasados ou mesmo lutando contra o tempo. A sensação vigente é de que o tempo passa rápido e há muito ainda por fazer. Além disso, há uma pressão por uma programação rígida do tempo, que penetra o cotidiano da vida, tanto social, quanto individual (AUGUSTO, 1994). Ora parece que as questões externas pressionam muito, ora os aspectos individuais tomam a cena e solicitam “soluções”.

A segunda história revela-se no filme o *Homem Bicentenário* (1999), que conta com a atuação de Robin Williams representando um robô destinado a servir uma família em uma época em que o mundo é totalmente tecnológico. Este filme traz inúmeros questionamentos: Como os seres humanos lidam uns com os outros? Como se tratam? Como sujeitos ou de modo assujeitado, desinteressado, descuidado do outro? Excelentes questões para a prática do psicólogo e também para entender como a formação consegue responder e dar conta destas demandas vinculadas ao modo de viver do ser humano nos últimos tempos. O “dono” do robô ofertou a ele um lugar diferente, reconhecendo-o como um ser que existe, tanto na forma de tratamento que lhe dispensava, como em algumas ações, como no fato de lhe pagar um “salário”. Graças a esse modo de “tratamento” que lhe concedeu e às habilidades de incorporar emoções e características humanas, o robô passa a “investir” seu salário em pesquisas com um cientista que desenvolve componentes para que seu corpo de robô se pareça o mais próximo possível do corpo humano.

À medida que mais se parece com um humano, surge um dilema: sua imortalidade, que o obriga a assistir à morte das pessoas que ama, enquanto segue existindo. Essa história convida a pensar sobre o modo como se oferta o cuidado, como se reconhece o outro e sobre o lugar que se oferta ao outro. Todos esses movimentos são fundamentais para que o profissional psi possa observar e refletir para melhor poder intervir. É importante lembrar que, mesmo em meio a tanta tecnologia, as características e o que há de mais genuíno no ser humano são ainda o que há de mais valioso. Talvez seja esta uma das razões da profissão do psicólogo ter sido citada por Klaus Schwab (2017) durante a entrevista, como uma das mais seguras no futuro, como as profissões de médicos de áreas especializadas e de artistas de diferentes áreas, segundo referiu. Por que será que a psicologia está entre essas profissões?

Porque por mais que as falhas estejam presentes no fazer do ser humano, é mais que necessário o humano exercer cuidado sobre os humanos. As falhas humanas, muitas vezes, podem ser bem-vindas e não apenas consideradas malditas.

Se as demandas exemplificadas por essas duas histórias de ficção do cinema forem somadas a outras tantas questões da formação e conseqüentemente da atuação do profissional psi, grandes serão os desafios. Para dar conta deste cenário, foram selecionados dois modelos teóricos que ofertam reflexões e suporte para a formação e atuação do profissional da psicologia do futuro: o tripé da resiliência e o tripé da psicanálise. Estes modelos podem auxiliar especialmente nas situações profissionais desafiadoras que solicitem diferentes dispositivos, envolvendo desde a saúde psíquica do profissional até as pessoas que podem oferecer suporte para momentos de adversidade e que requerem inovação.

Masten e Garnezy (1985) chamam de fatores de proteção três elementos, a saber: atributos pessoais, coesão ecológica e rede de apoio social e afetiva. Juntos, estes elementos compõem o tripé do processo de resiliência, que é um fenômeno psicológico, dinâmico e multidimensional, a ser acionado quando é necessário enfrentar momentos de adversidade e quando buscam-se estratégias adequadas para o seu gerenciamento e conseqüente continuidade com o percurso normal de vida (MASTEN, 2007; UNGAR, 2008). O seu enfoque está dirigido aos aspectos sadios do ser humano (POLETTI; KOLLER, 2011), sendo uma qualidade psicossocial positiva que permite lidar e dar significado aos eventos estressores da vida. O primeiro componente do tripé mencionado são os *atributos disposicionais das pessoas/dos profissionais*, por exemplo: autoestima, autonomia, competência emocional, representação mental de afeto positivo e inteligência (CECCONELLO, 2003). Tais atributos referem-se a todas as características presentes no ser humano. Dessa forma, é importante lembrar que assim como para o cirurgião dentista a broca, o sugador, a caneta de alta rotação são parte do seu instrumental de trabalho, o psicólogo tem a si e suas características como ferramentas.

O segundo componente do tripé da resiliência é a *rede de apoio social e afetiva*, com recurso individual e institucional, que encoraje e reforce a pessoa a lidar com as circunstâncias da vida. Esta rede relaciona-se a todo e qualquer contato com o qual o profissional possa contar em momentos adversos, desafiadores, com dilemas, dúvidas e conflitos, servindo ainda para compartilhar reflexões sobre sua formação e prática. A *coesão ecológica* completa o tripé. Nos contextos em que ela está presente, reconhecem-se as seguintes características: ausência de negligência, possibilidade de administrar conflitos e presença de laços afetivos que ofereçam suporte emocional em momentos adversos e de

estresse (MORAIS; KOLLER, 2004). A coesão ecológica é um conceito semelhante e equivalente à coesão familiar. No entanto, este termo é utilizado quando os contextos em que essas características estejam presentes não é o familiar. Os dois últimos componentes do tripé da resiliência (a rede e a coesão ecológica) evidenciam a importância dos diferentes contextos nos quais o profissional psi interage por meio da qualidade das relações como grande influenciador do desenvolvimento do profissional e também da eficiência de suas intervenções. Sabe-se que trabalhar com uma equipe que ofereça suporte e também com profissionais de qualidade, com os quais sejam estabelecidas relações saudáveis, contribui para uma atuação mais efetiva que não comprometa a saúde emocional do profissional psi.

O segundo modelo que pode auxiliar o psicólogo para fortalecer sua formação e sua prática é o tripé da psicanálise, mesmo para os que não se identificam com este referencial teórico, pois este modelo pode ser aplicado para qualquer tipo de atuação ou aporte teórico. Freud (1919/1969), quando escreveu sobre o ensino da Psicanálise na universidade, apresentou os componentes deste tripé. O primeiro deles refere-se à análise pessoal. Quanto mais o profissional puder ampliar seu espaço interno, conhecer e reconhecer seu mundo interno, melhor identificará seu potencial e suas limitações. A máxima “ah você faz terapia porque é psicólogo” não funciona e não é óbvio ou simples assim, até porque inúmeros são os profissionais da psicologia que infelizmente não buscam terapia. O profissional que trabalha com o cuidado a instituições, grupos e pessoas, precisa primeiro cuidar de si e do seu interior, para também colocar-se no lugar de ser cuidado para poder fazer um “bom cuidado”. O segundo elemento do tripé é o que Freud chamava de seminário, mas em outras palavras é a formação continuada. O profissional precisa de constante aprimoramento e estudo, pois este é o espaço para ampliar o conhecimento, olhares, escuta, entendimento e técnicas.

A supervisão completa o tripé. Ela configura-se como um espaço em que um estudante de psicologia, psicólogo em formação ou um profissional compartilha o relato e situações de sua prática com outro profissional. Este lugar permite trocas com colegas mais experientes para compartilhar visões, entendimentos e para ampliar olhares que o profissional sozinho não teria como vislumbrar. A atuação da psicologia solicita aproximar-se e distanciar-se de vivências e situações para uma melhor intervenção e este movimento é possível e ofertado pela troca na supervisão.

Além do que já foi exposto, é possível ainda considerar que um bom profissional da psicologia no futuro deve poder ofertar um “bom cuidado” e uma presença “suficientemente boa” e sensível. Para isso, precisa reconhecer a alteridade, ou seja, lembrar que o outro possui o seu tempo, ritmo e perspectiva e, ao mesmo tempo, ofertar ao outro um olhar de que ele

existe, independentemente de sua condição. Evidente que o psicólogo do futuro pode também contar com a tecnologia como aliada, no entanto vale o alerta de que a humanidade seja seu fundamento e princípio ao longo de sua formação e quando atuar.

Espera-se que esse profissional colabore com o resgate do que há de mais humano no humano. Para isso, talvez precise de nutrientes inspiradores, como a poesia, a literatura, o teatro, o cinema, as artes de modo geral, pois elas são excelentes catalizadores e promotores de *insight*. Ao mesmo tempo, podem configurar-se como caminhos para expressar e emprestar significados às pessoas em momentos em que a palavra e o cuidado não dão conta.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Maria H. O. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social**, n. 6, v. 1-2, p. 91-105, 1994.

CECCONELLO, Alessandra. M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. Porto Alegre: UFGRS, 2003. 317p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Repensar a formação em Psicologia**, 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/repensar-a-formacao-em-psicologia/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

FREUD, Sigmund. Deve a psicanálise ser ensinada na universidade? In: _____, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. J. Salomão, trad., v. 17, p. 217-219). (Trabalho original publicado em 1919).

QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL. Klaus Schwab discute sobre como dominar a 4ª revolução industrial. **Milênio**. São Paulo, Globonews, 22 mai. 2017. Programa de Tv. Disponível em: <<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/5887723/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

MASTEN, Ann. S. Resilience in developing systems: Progress and promise as the fourth wave rises. **Development and Psychopathology**, n. 19, p. 921–930, 2007.

MASTEN, Ann. S.; GARMEZY, Norman. Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In: LAHEY, Benjamin B.; KAZDIN, Alan E. (Orgs.), **Advances in clinical child psychology**, New York: Plenum Press, 1985. v. 8, p. 1-52.

MORAIS, Normanda. A.; KOLLER, Silvia. H. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: a ênfase na saúde. In: KOLLER, Silvia Helena (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 91-107.

POLETTO, Michele; KOLLER, Silvia H. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO, Débora Dell Aglio; KOLLER, Silvia Helena; YUNES Maria Angela

Mattar (Orgs.), **Resiliência e Psicologia Positiva:** interfaces do risco à proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 19-41.